

Mudanças técnicas no tratamento psicanalítico em um caso de adolescente *borderline*: de Mancha Negra a Branca de Neve

Cinzia Carnevali*, Rimini
Maddalena Marascutto**, Milão

A análise com adolescentes implica mudanças no tratamento psicanalítico que favorecem uma nova experiência compartilhada entre paciente e analista, no qual dois inconscientes se comunicam e se transformam reciprocamente dentro de um campo bipessoal. Consideramos que o elemento fundamental da transformação é a disponibilidade da analista para acolher as diferentes modalidades de comunicação (ações, enactment, desenho, rêverie) que foram construídas graças à adesão ao setting analítico e à pessoa da analista que se deixou usar pela adolescente. No contato com o medo e a impotência de um pensamento vazio de representações, pode acontecer que o agir da analista funcione como socorro, como remédio à urgência, e que forneça uma saída; trata-se de algo que não se encontra ali para ser decodificado, mas que está à espera de uma rêverie e de um desenvolvimento narrativo. Como numa cena de teatro, os desenhos conferem figurabilidade aos conflitos, às emoções, às lembranças evocadas na consulta e tornam acessível a entrada do novo e do não representável.

Palavras-chave: escuta, presença disponível, campo bipessoal, agir, rêverie, desenho, desenvolvimento narrativo, experiência compartilhada.

* Psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e do Centro Psicoanalítico di Bologna (CPB).

** Psicanalista e membro associado da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e do Centro Milanese di Psicoanalisi (CMP).

A análise com adolescentes comporta mudanças no tratamento psicanalítico e uma especial disponibilidade para acolher e utilizar diferentes instrumentos comunicativos, verbais e não verbais, como o desenho e o jogo, com o objetivo de entrar no mundo especialmente agitado do adolescente e com ele permanecer em contato profundo, tendo a capacidade de esperar e de estar atento àquilo que acontece no *hic et nunc*¹ da sessão.

Ao longo dos vários anos de experiência clínica com crianças e adolescentes, percebemos a necessidade de ampliar, ou aperfeiçoar, a capacidade de uma escuta acolhedora e continente por parte do analista para dar espaço a aspectos inconscientes que não se referem somente à transferência e à contratransferência, mas a uma nova experiência compartilhada entre paciente e analista. O analista participa do campo bipessoal (Baranger & Baranger, 1990; Ferro, 2007, 2010) e os dois inconscientes comunicam-se e transformam-se reciprocamente.

O nosso objetivo é nos aproximarmos daqueles entrelaçamentos especiais, intersecções de áreas precoces na mente de ambos, infiltrações de sentimentos, emoções à espera de serem sonhadas conjuntamente, ainda antes de serem pensadas. O analista aceita ser usado pelo adolescente conforme a necessidade deste último e também aceita oferecer um espaço que seja capaz de acolher, conter, transformar, para depois, eventualmente, interpretar. E, com surpresa, descobre que, no aqui e agora da relação, se produz um novo evento que dá voz a experiências emotivas, congeladas e não elaboradas até aquele momento (Mancia, 2006).

São experiências traumáticas de sofrimento insuportável que se podem dissolver na troca relacional. No livre trânsito de emoções e afetos, ao emergirem emoções impensáveis, ativa-se na mente do analista e na do paciente um funcionamento através do qual algo acontece. Algo que se pode expressar também por meio de imagens visuais, “aparece uma imagem visual daquilo que está acontecendo na relação, diante da qual os dois sujeitos encontram-se em uma condição de espectadores” (Ferruta, 2005). E a imagem visual que o analista usa, e que é o resultado de uma *rêverie* na sessão, é a contribuição mais significativa e transformadora que se pode oferecer para a construção da sessão (Ogden, 1997, Ferro, 2006). Analista e paciente compartilham a *estupefata admiração* por todos os cometas que podem aparecer na sala de análise (Di Chiara, 1990; Ferro, 1992).

No caso que apresentamos, junto a um bloqueio do pensamento e a um predomínio da cisão e da negação de aspectos do *self* que são intoleráveis, a analista reconhece a capacidade criadora da adolescente e entrega-se a um livre

¹ N.T.: Expressão latina que significa literalmente *aqui e agora*.

trânsito, acolhendo e favorecendo também outras formas de comunicação, desenhos, ações, *enactment* (Filippini & Ponzi, 1993).

Quando a adolescente está lidando com emoções intensas, na falta de instrumentos de elaboração capazes de encontrar, através da linguagem, uma figurabilidade própria, o recurso à ação pode ser o único caminho possível (Ruggiero, 2009). O desenho foi utilizado principalmente para dar voz, nos momentos mais obscuros da análise, a aspectos do *self* que ali jaziam mortificados e aprisionados.

Com relação ao modo de considerar o desenho, às diferentes formas de olhar para ele, concordamos com Ferro (2006) em pensá-lo – assim como ocorre com as personagens, as narrações, as lembranças evocadas na sessão – como *algo que remete ao funcionamento mental da dupla analítica naquele momento*. Trata-se de algo que não se encontra ali para ser decodificado, mas que está à espera de *rêverie* e de um desenvolvimento narrativo, à semelhança de uma “imagem parada de uma gravação em vídeo à espera de que o movimento seja retomado e que uma história volte a se desenrolar” (Ferro, 1992).

A adolescente pode, dessa forma, chegar a dominar uma emoção até então desconhecida, impensável e que não consegue conter, dando-lhe uma figurabilidade no contexto da relação especial com a analista, que aceita regredir junto com ela e tocar também nas suas *manchas negras*. Figurações que mudam com o variar da ordem emocional e relacional (Botella & Botella, 2001; Ferro, 1992; Guignard, 1996).

O caso de Giorgia

A experiência clínica sobre a qual gostaríamos de discorrer refere-se a uma adolescente, Giorgia, em análise há três anos, com três sessões semanais, após um *breakdown* na adolescência, com uma estrutura de personalidade que apresenta componentes psicóticos.

A escuta, estendida aos pais, com colóquios uma vez por mês na presença de Giorgia, teve efeitos positivos naqueles e foi muito útil para construir uma experiência que favorecesse uma abertura maior de Giorgia na presença deles. Muitas vezes a analista surpreendeu-se, ao longo dos colóquios, ao ver Giorgia, geralmente silenciosa e ausente, reavivar o olhar e participar, responder-lhes para discordar daquilo que eles queriam que ela dissesse. Foi possível através do *setting* analítico, seguindo o aprofundamento de Bleger (1967), reconstruir um ambiente transformador e dar nova seiva para revigorar um eu empobrecido pelo descuido

e desvalorização da experiência infantil e pelo contato com pais rígidos e pouco afetivos.

Na complexa troca relacional entre a menina e a mãe, Giorgia recebeu uma desqualificação contínua que foi percebida como não ter direito a existir tal como ela era. Para defender-se de uma dor que não conseguia encarar e da angústia de precipitar-se no vazio, em uma voragem de desespero e solidão, Giorgia procurou sentir o seu corpo, o seu eu, existir através de ações autodestrutivas, como cortar-se e envenenar-se engolindo o *coccolino*². Especialmente tocante foi a tentativa de Giorgia de se matar bebendo o detergente³. Aquilo que deveria dar ternura e calor correu o risco de tirar-lhe a vida.

Giorgia tem dezessete anos, é uma moça linda de olhos azuis e olhar apagado. É enviada pelo neuropsiquiatra infantil, depois de quinze dias de internação na divisão do serviço para adolescentes, devido a uma depressão e a uma tentativa de suicídio, bloqueio nos estudos, recusa a ir à escola e a viver. Queixa-se de que os pais não a entendem. O pai, um professor de matemática emigrado, rígido, está convencido de que, sozinho, pode resolver o problema da filha. A mãe é uma professora do interior da Romagna, muito introvertida e insegura. Durante a entrevista junto com o marido nunca olha nos olhos. Parece muito apreensiva em relação à filha. Chega ao ponto de dizer ao marido: “Olha que ela vai se matar!”.

Marido e esposa tendem a isolar-se do contexto em que vivem. O pai diminui a filha, ataca-a e a critica de forma a fazê-la sentir-se uma *menina impedida*, não quer que a filha fale dele, teme tanto isso que, na escola fundamental, a impediu de escrever uma redação sobre ele. A mãe não quer que nenhum colega de Giorgia frequente a sua casa, impedindo a socialização da filha. Giorgia, por sua vez, não quer ir à escola, diz que tem medo de fazer um papelão, de não satisfazer as expectativas dos pais. Antes achava que tinha muitas qualidades, mas depois, devido às decepções, tudo desmorona e, já aos doze, treze anos, sente-se vazia, sem alma, sem rosto nem imagem, sem identidade.

Nas primeiras sessões Giorgia fala de uma série animada em que o protagonista Hamtaro (Figura 1) faz parte de uma família de animaizinhos que vivem debaixo da terra. Ele é o chefe dos hamsters, cuida deles e os defende. Diante da pergunta sobre o que queria escrever no balão do quadrinho que tinha desenhado, Giorgia sacode a cabeça e diz que não sabe. A analista responde que elas têm tempo e que, juntas, podem esperar que os pensamentos surjam.

² N.T.: Detergente para lavar roupas.

³ N.T.: *Coccolare* significa *acariciar, mimar*. O nome *coccolino* evoca, assim, a ideia de ternura.



Figura 1

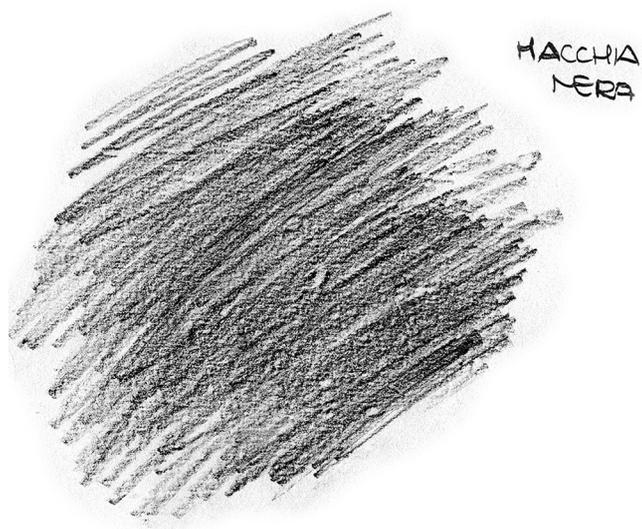


Figura 2

Em uma das sessões seguintes, na qual sente o seu mal-estar e a sua confusão mais do que de costume, Giorgia usa folhas de papel para desenhar uma *mancha negra* (Figura 2). A analista, percebendo-lhe a atmosfera persecutória, propõe a

Giorgia que olhem juntas um livro de história em quadrinhos *Mickey e o Mancha Negra* (Disney, 1939), assumindo a responsabilidade de fazer com que a mancha vá assumindo formas diferentes. Giorgia sorri e consegue perceber a presença do Mickey-analista e da Giorgia que estão investigando juntas. O ato da analista, de passar o livro a Giorgia, a leva a refletir. Talvez tenha sido uma maneira de dizer-lhe “pode-se falar sobre o assunto”, “outros já passaram por esse caminho”. Depois de Hamtaro, depois do nenezão, uma parte sua camuflada, apresenta-se a mancha negra. É importante ficar com ela, com aquilo que traz, “esperar que tome corpo algo que foi produzido pelas nossas duas mentes em conjunto” (Ferro, 1992).

Segue-se um período em que, de forma cada vez mais antagônica, Giorgia repete a recusa de viver, por não encontrar um sentido na vida, segundo suas palavras. Em uma sessão, antes de um feriado de Páscoa, Giorgia levanta-se repentinamente do divã, chorando, irritada, e diz à analista que nem esta, como sua analista, é capaz de compreendê-la, seria melhor ir embora, interromper o tratamento.

A analista mantém-se imóvel e, embora tema que Giorgia possa realmente abrir a porta e ir embora, deixa espaço para que irrompa, na sala de análise, a raiva contra a analista vivida como a mãe que não reconhece sua necessidade de ser escutada, compreendida, aceita e que a abandona. Um objeto que não se interessa sinceramente por ela. Giorgia sente-se um peso que a analista é incapaz de suportar porque nela não há nada de bom, nada que valha a pena expressar. Lembra-se, de que na creche brincava sozinha, ou ficava agarrada ao aquecedor, olhando as outras crianças brincarem.

Diz ter sido sempre uma criança estranha, o que os pais confirmam. Estranha – diz – desde que começara a engatinhar: “*Engatinhava só de um lado, metade sim e metade não*”. O que leva a analista a pensar que talvez haja em Giorgia uma parte sem movimento. Uma parte que quer ir adiante, crescer, e outra que gostaria de ficar parada, permanecer criança, ou não existir.

A analista lhe dá folhas e um lápis para que possa desenhar aquela criança estranha (Figura 3). O desenho abre o caminho através do qual Giorgia consegue descobrir-se, expressar os seus medos e conflitos e construir um vínculo com ela. A analista diz à paciente que essa se sente protegida ao fechar-se à possibilidade de se relacionar com os outros, como quando era menina e ficava agarrada ao aquecedor, longe das demais crianças; mas ao mesmo tempo vive como uma prisioneira, sem possibilidade de se relacionar com os outros, fechada na sua solidão dolorosa.



Figura 3

O desenho possibilita entrar em contato com uma parte escondida do *eu* de Giorgia que corre o risco de ser sufocado e de morrer. Uma parte do corpo é coberta por um véu, uma espécie de Chador-Burka, que esconde a expressão do seu rosto. Talvez esconda um aspecto monstruoso que não se pode ver, que se deve cobrir, algo que não se pode mostrar, como a sua raiva com seus aspectos perigosos, a sua dor e o seu desespero, emoções que, se forem descongeladas, amedrontam. Giorgia também faz referência a uma espécie de bolha na qual se colocou para se proteger.

Diz ela: *“Não quero ir à escola porque é uma prisão, os professores parecem autômatos, são desumanos, não só porque a gente tem que se levantar quando eles entram, mas porque ficam rígidos e frios quando fazem perguntas, e eu me assusto e tenho medo de dizer bobagens ou alguma coisa que possa provocar neles reações punitivas, tenho medo que me reprovem. A minha mãe me diz: ‘Se não fores à escola e tiveres muitas faltas, eles vão te reprovar. Não vais conseguir passar’. Ela me assusta mais ainda. Por medo de não ser respeitado na escola o meu pai é muito rígido e duro, não fala com os alunos. Os professores não escutam e não falam com a gente na sala de aula, só raramente nos cumprimentam no corredor. Vi surpreendida a minha professora passear com uma menina e pensei: ‘Mas então ela é humana!’”*

A analista lhe responde que ela receia que os adultos sejam figuras sem humanidade, duras, insensíveis aos sonhos, aos desejos, aos medos das crianças e dos jovens, deles só se pode esperar castigos ou críticas e não atenção ou apoio. Giorgia se surpreende ao ver a professora de mãos dadas com a menina: “É

humana!”. Giorgia se pergunta se, com a analista, apesar do medo, poderá sentir-se mais confiante, conduzida pela sua mão.

Antes da pausa do Natal, durante o segundo ano de análise, chega à sessão dizendo que fora à escola, embora isso não tivesse muito sentido. Depois relata um pesadelo: “*Eu fugia aterrorizada, perseguida por algo que não sei o que é, não podia me virar para trás, me empurravam e eu tinha que correr para a frente*”. Como em outros momentos de maior ansiedade, recorremos ao desenho (Figura 4).

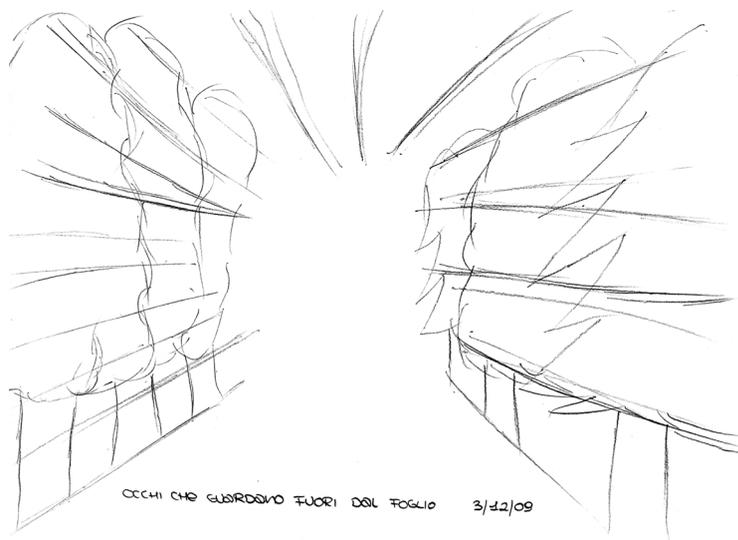


Figura 4

A analista lembra, então, de *Branca de Neve* (Disney, 1939). Captando essa *rêverie*, lhe fala da Branca de Neve que foge para o bosque que se transforma em um ambiente perigoso e assustador. Giorgia consegue lhe dizer que talvez haja uma bruxa que a persegue, bruxa que surge do encontro entre a mente da paciente, que traz para a sessão um pesadelo representado através do desenho, e a mente da analista, que produz a fantasia de Branca de Neve que foge para o bosque. Podemos pensar que a atividade senso-motora e os aspectos protomentais (Hautmann, 1993, 2005), expressos no sonho, estão à procura de um símbolo que é criado em conjunto: a bruxa. Giorgia lembra-se do sofrimento experimentado pela ausência de correspondência afetiva com a mãe e a decepção e raiva que isso desencadeava, levando-a à angústia de se sentir despedaçada, debaixo da terra.

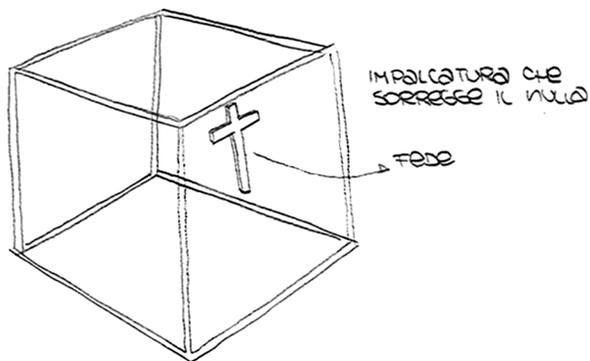
Lembra-se, com vergonha, que a bisavó materna era considerada uma bruxa no vilarejo onde moravam e que o relato da mãe sobre os rituais para libertar as vítimas do mau-olhado ou para entrar em contato com os mortos a tinha assustado.

As emoções começam a se mover. Através do trabalho de análise, a mancha negra, utilizando conjuntamente analista e paciente, a sua tinta, vai se desmanchando e transformando até adquirir formas diferentes. Constroem-se histórias. Aparece Branca de Neve! É importante esta passagem da Mancha Negra à Branca de Neve, às árvores, à bruxa, à perseguição. Há luz e há trevas, o bem e o mal. Da confusão da mancha migra-se em direção a uma possibilidade de integração, de apropriação de uma imagem positiva de si mesma. Talvez Giorgia tenha medo porque, pela primeira vez, existe alguém, existe a analista que a entende. “Esta aqui me entende”. E a analista torna-se a bisavó que entra em contato com os aspectos mortos, com os bichinhos que vivem debaixo da terra. Giorgia sente alívio e medo como o náufrago que, ao ver o navio que chega e esperando ser salvo, treme e se pergunta: “Ele me viu ou não me viu?” (Bion, 1962, 1970).

A partir da sessões seguintes começamos a notar pequenas mudanças e surgem outras histórias nas quais, pela primeira vez, a princesinha pode defender-se da bruxa. E Giorgia torna-se mais aberta com os colegas de escola, começa a criar vínculos. Também o seu olhar começa a incluir e a procurar a atenção da analista.

No ano seguinte Giorgia autoriza-se a dizer e a conhecer. O seu rosto muda de expressão. Da menina ausente e amorfa passa a uma mocinha sorridente e mais bonita, diferente dos momentos de sideração em que, com as emoções paralisadas, não tinha vontade de viver. Há uma analista *Coccolino*, que agora consegue tomar em pequenas doses, que ela sente que cuida dela e que, com suas *rêverie* e as narrações de ambas, está se tornando possível desatar, suavizar e anular a rigidez de um grumo de emoções paralisantes. Antes da interrupção de verão desse ano ela desenha uma caixa vazia. Dentro há uma pequena cruz, e escreve “FÉ” (Figura 5). Também desenha, na última sessão, um casal de jovens pais que têm no colo uma bebezinha (Figura 6).

A paciente começa a sentir que a presença da analista é protetora e que as pulsões autodestrutivas diminuem. Pode encarar a bruxa porque agora tem os instrumentos para enfrentá-la. Nos despedimos com a dor pela separação das férias de verão, com uma sensação de vazio, de perda, de luto (cruz-caixão), mas também com o sentimento de fé, de confiança em algo por vir e com a sensação do reconhecimento de que algo conseguimos fazer juntas, de que algo nasceu do nosso trabalho (o casal com um recém-nascido).



30/03/20

Figura 5



17/06/20

Figura 6

Em *après-coup*, organizando os desenhos para este trabalho, percebemos ter colocado, um ao lado do outro, dois pares de desenhos que pertenciam a sessões diferentes: Hamtaro ao lado da mancha negra e o caixão ao lado do casal com a criança. Ao ver o desenho do caixão a analista sente um arrepio. Colocando os desenhos um ao lado do outro é como se dissesse: “Quando nos despedimos

emergiram sentimentos de morte, um caixão com uma cruz, mas também a fé, a confiança no nosso trabalho, o sentimento de que construímos algo juntas”. Sem que nos déssemos conta, estes elementos estavam presentes, simultaneamente. A separação desencadeia raiva e angústia, o enfrentamento de um luto que machuca, mas somente assim *se pode ir em frente*.

Conclusões

Com esta experiência, Giorgia pôde dar novas e diferentes formas para a mancha negra através da escuta e do acolhimento do seu desespero e graças à capacidade de sua analista de esperar e de estar disponível ao que acontecesse na sessão. Foi possível conhecer e iluminar os aspectos que até agora tinham ficado na sombra, Hamtaro sob a terra e o Mancha Negra, aquele *torrão* de necessidades infantis que precisava ser formado e depois reconhecido (Ferro, 1992), as nossas partes rejeitadas que deviam ser revitalizadas.

A escuta e o compartilhamento permitiram uma troca profunda entre o conteúdo mental da paciente e o da analista, conteúdos e emoções que se tornam mais representáveis através da capacidade de *rêverie*. Somente se as identificações projetivas são acolhidas e contidas, somente se encontram *rêverie* e permeabilidade podem ser transformadas, do contrário tornam-se cada vez mais destrutivas (Bion, 1962). Espaços desolados de solidão e manchas-negras-buracos de incompreensão, *torrões* de necessidades infantis, imagens impessoais e confusas, elementos de fusionabilidade evoluíram para imagens fecundas de um novo nascimento. Giorgia pode aventurar-se, agora mais separada dos pais e da analista, agora que levantamos o manto que a paralisava e atrasava. O cuidado carinhoso da analista deu um sentido a sua vida e um estímulo para retomar esperanças de mudança.

Acreditamos que o elemento fundamental da transformação *é a presença disponível do analista para acolher as diferentes formas de comunicação (ação, enactment, desenho, rêverie)* que foi possível construir graças à adesão ao *setting* analítico e à pessoa da analista que se deixou usar (Winnicott, 1971; Bonaminio, 2001). Em contato com o medo e a impotência de um pensamento vazio de representações, pode ocorrer que a forma de atuar do analista funcione como socorro, como um remédio para a emergência e forneça uma saída. É, por exemplo, o caso de a analista oferecer a Giorgia uma revista com histórias em quadrinhos para que a olhem juntas ou de propor-lhe um desenho. As partes rejeitadas são integradas ao longo do tempo, Giorgia começa a sentir-se cada vez mais uma pessoa inteira, com os seus sentimentos, ainda que contraditórios. Desta maneira

torna-se possível fazer com que nasça uma criança (Figura 6) de um casal que reencontra seu equilíbrio (Figura 6). □



17/06/20

Figura 6

Abstract

Changes in the psychoanalytic technique in a case of a borderline teenager: from Phantom Blot to Snow White

Analyzing adolescents demands changes in the psychoanalytic technique which foster a new shared experience where two unconscious communicate and transform one another inside a bi-personal field. We consider that the key transforming element is the analyst willingness to take in the many communications modalities (actions, enactment, drawing, rêverie) which is possible to be constructed due to the compliance to the analytic setting and to the person of the analyst that allows the adolescent to use her. In contact with fear and with the helplessness of thoughts void of representations, the acts of the analyst may work as rescue, as emergency remedy, and provide an exit: it is something that is not there to be undecoded, but which is rather waiting for a rêverie and for a narrative development. As it is in the theatre, drawings attribute figurability to the conflicts, to the emotions, to the memories evoked during the session and turn it possible to access the new and the unrepresentable.

Keywords: listening, ready presence, bi-personal field, action, *rêverie*, drawing, narrative development, shared experience.

Resumen

Cambios técnicos en el tratamiento psicoanalítico en un caso de adolescente *borderline*: de Mancha Negra a Blanca Nieves

El análisis con adolescentes implica cambios en el tratamiento psicoanalítico que favorecen una nueva experiencia compartida entre paciente y analista, en el que dos inconscientes se comunican y se transforman recíprocamente dentro de un campo bipersonal. Consideramos que el elemento fundamental de la transformación es la *disponibilidad de la analista* para acoger las distintas modalidades de comunicación (acciones, *enactment*, dibujo, *rêverie*) que se construyeron gracias a la adhesión al setting analítico y a la persona de la analista que se dejó usar por la adolescente. En el contacto con el miedo y la impotencia de un pensamiento vacío de representaciones, puede pasar que el actuar de la analista funcione como socorro, como remedio a la urgencia, y que suministre una salida; se trata de algo que no se encuentra allí para ser descodificado, pero que está a la espera de una *rêverie* y de un desarrollo narrativo. Como en una escena de teatro, los dibujos confieren figurabilidad a los conflictos, a las emociones, a los recuerdos evocados en la consulta y vuelven accesible la entrada de lo nuevo y de lo no representable.

Palabras clave: escucha, presencia disponible, campo bipersonal, actuar, *rêverie*, dibujo, desarrollo narrativo, experiencia compartida.

Referência

- Baranger, M. & Baranger, W. (1990). *La situazione psicoanalitica come campo bipersonale*. Milano: Cortina.
- Bion W. R. (1962). *Apprendere dall'esperienza*. Roma: Armando, 1979.
- _____. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando, 1973.
- Bleger, J. (1967). Psicoanalisi del setting psicoanalítico. In *Setting e processo psicoanalitico. A cura di C. Genovese*. Milano: Raffaello Cortina, 1988.
- Bonaminio, V. (2001). *La persona dell'analista*. Letto al CMP 2001
- Botella, C. & Botella, S. (2001). *La raffigurabilità psichica*. Roma: Borla, 2004.
- Di Chiara, G. (1990). La stupida meraviglia, l'autismo e la competenza difensiva. *Riv. Psicoanal.*, 36, pp. 441-457.
- Disney, W. (1937). *Branca de Neve e os sete anões*. Animação, EUA, 83min.
- _____. (1939). *Mickey e a Mancha Negra*. São Paulo: Abril, 1951.

- Ferro, A. (1992). *La tecnica nella psicoanalisi infantile*. Milano: Raffaello Cortina.
- _____. (2006). Da una psicoanalisi dei contenuti e delle memorie a una psicoanalisi per gli apparati per sognare, sentire, pensare: transfert, transfer, trasferimenti. *Riv. di Psicoanalisi*, (2).
- _____. (2007). *Evitare le emozioni, vivere le emozioni*. Milano: Raffaello Cortina.
- _____. (2010). Navette per l'Inconscio: rêveries, trasformazioni in sogno, sogni. Attualità del metodo clinico freudiano. *Relazione al XV Congresso Nazionale SPI*, Taormina, 27-30 Maggio, 2010.
- Ferruta, A. (2005). Configurazioni iconiche e pensabilità. In A. Ferruta (a cura di). *Pensare per immagini*. Borla.
- Filippini, S. & Ponsi, M. (1993). Enactment. *Rivista di Psicoanalisi*, 39(2): 501-518.
- Guignard, F. (1996). *Nel vivo dell'infantile. Riflessioni sulla situazione analitica*. Milano: Franco Angeli, 2003.
- Hautmann, G. (1993). Immaginazione e interpretazione. In G. Di Chiara & C. Neri. (a cura di) *Psicoanalisi futura*. Roma: Borla.
- _____. (2005). Pensiero pellicolare e formazione del Sé. In *Pensare per Immagini*. Roma: Borla.
- Mancia, M. (2006). Memoria implicita e inconscio precoce non rimosso: loro ruolo nel transfert e nel sogno. *Rivista di Psicoanalisi*, 52(3), pp. 629- 655.
- Ogden, T. (1997). *Rêverie e interpretazione*. Roma: Astrolabio, 1999.
- Ruggiero, I. (2009). Dinamiche narcisistiche nell'autolesionismo adolescenziale. In A. M. Nicolò. (a cura di) *Adolescenza e violenza*. Roma: Il Pensiero Scientifico Editore; Rimini: Guaraldi.
- Winnicott, D. W. (1971). *Gioco e realtà*. Roma: Armando Editore, 1974.

Recebido em 05/11/2012

Aceito em 15/05/2013

Tradução de **Susana Termignoni**

Revisão técnica de **Vânia Dalcin**

Cinzia Carnevali

Via Bastioni Orientali 70

47900 – Rimini, Italy

e-mail: cinziacarnevali@libero.it

© Cinzia Carnevali

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA